

Midland cria divisão para cuidar de países endividados

MILTON COELHO DA GRAÇA
Correspondente

LONDRES — O Midland Bank, o maior credor britânico do Brasil, criou em julho uma divisão especial para cuidar de seus créditos no Terceiro Mundo. Agora, 290 funcionários tratarão exclusivamente de dar soluções cada vez mais sofisticadas ao impasse da dívida. Até há poucos meses, o principal executivo internacional do Midland era Hervé de Carmoy, um banqueiro-pensador. Segundo ele, os bancos privados não querem e não podem mais conceder os financiamentos a longo prazo, indispensáveis ao desenvolvimento dos países devedores e estes, por sua vez, sem acelerar seu desenvolvimento, não terão condições de resgatar suas dívidas.

Para Carmoy, é indispensável que os governos dos países ricos, as instituições financeiras internacionais e os bancos privados se juntem num fundo (que ele orçou em US\$ 35 bilhões) para assegurar o fluxo de capitais necessários ao desenvolvimento sustentado dos países devedores. Carmoy saiu do Midland e seu afastamento é visto como um símbolo da mudança de atitude dos grandes bancos internacionais. Eles já não esperam uma solução política para a questão da dívida, convencem-se de que os governos dos países ricos não aceitarão a proposta de Carmoy nem qualquer outra que en-



volva dinheiro de seus contribuintes.

Gasto público virou palavrão na maior parte do mundo e nenhum político quer ser acusado de tentar salvar os grandes bancos ou dar dinheiro a países "gastadores e irresponsáveis". Os pensadores saíram de moda, os pragmáticos estão novamente na crista da onda. O Midland, um banco de vocação pioneira, tratou de se ajustar antes dos outros e, além de criar a nova divisão especial, indicou para comandá-la um pragmático veterano que começou no Chase Manhattan.

O francês Jacques de Mandat-Grancey, de 48 anos, tem aparência e maneiras tão aristocráticas como o nome. Como Diretor Regional para a América Latina e, depois, Diretor Geral para o Terceiro Mundo, ele

tem assistido o desdobramento do drama da dívida, aprendendo as peculiaridades de cada país-personagem.

O Midland deu-lhe agora carta quase branca, não para formular grandes soluções, mas para ir fazendo lentos e constantes avanços no corpo-a-corpo com clientes semifalidos, descobrindo oportunidades novas de negócios, que ajudem esses clientes a se recuperarem e, naturalmente, pagarem o que devem.

Conceitualmente, a visão macroeconômica e macropolítica de Carmoy é correta, pedindo um envolvimento maciço dos governos. Infelizmente não vemos como uma solução desse tipo possa ser viável a curto prazo. Tivemos nessa direção duas iniciativas. Primeiro, o chamado Plano Baker, que não chegava a

ser um projeto, apenas uma idéia, e teve poucos resultados concretos — afirmou Mandat-Gracey em entrevista exclusiva ao GLOBO.

Ele recorda ainda a oferta japonesa de US\$ 30 bilhões durante três anos, que foi muito bem recebida.

O problema é que até agora ninguém viu um tostão desse dinheiro. Por isso, temos de achar soluções que estejam ao nosso alcance, que possam ser decididas em nosso nível. Isto pode parecer menos entusiasmante, mas no ponto em que estamos não existe outra alternativa — afirmou o executivo.

Mandat-Gracey garante que a instituição tem uma longa tradição internacional, especialmente na América Latina.

A nossa posição poderia ser chamada de passiva e agora vai se tornar ativa. Para o Midland, posição ativa significa não esperar mas fazer as coisas acontecerem. Em 1982 e 1983, quando a crise mexicana se desencadeou, o mundo parecia em pedaços. Eu estava no Fundo Monetário Internacional (FMI) em outubro de 1983, quando o Brasil negociaava um empréstimo de US\$ 6,5 bilhões e me lembro que alguém disse: "É incrível, estamos falando sobre esse dinheiro e ninguém parece ver que o mundo está acabando." Bem, o mundo ainda está aqui. México e Brasil aumentaram suas exportações não-tradicionais. A dívida não diminuiu, mas as economias cresceram — disse.